

**DEUS
E O
DIABO
NA TERRA
DOS
CEDROS
O LÍBANO
CONTEMPO
RÂNEO**

Organizadores
**Murilo Meihy
Samira Adel Osman**

Tabla

Pelos mortos e feridos no Líbano contemporâneo

Este não é mais um manifesto inexpressivo.

As imagens das vítimas dos últimos ataques israelenses em solo libanês são ultrajantes e exigem a manifestação daqueles que amam o país dos cedros. Não importa se o atual conflito envolve o Estado libanês ou apenas uma de suas comunidades. O sangue derramado de um único libanês brutalmente martirizado impõe a necessidade de unir esforços para denunciar crimes de guerra como os sofridos pelos civis em Gaza desde outubro de 2023 e, agora, pela sociedade civil libanesa.

O nível de desrespeito às normas internacionais e de desumanidade são flagrantes. O uso de objetos civis como arma de guerra é o ponto máximo de um conjunto de práticas desonrosas que, desde 1948, produz um volume incalculável de vítimas libanesas, palestinas e sírias que enterram seus familiares sem resposta internacional alguma. O número de mutilados e crianças que têm seus sonhos interrompidos ganha a dimensão de um genocídio escalonado.

A guerra não pode ser naturalizada. Em nome da fúria israelense, o Líbano já perdeu, especialmente depois de 2006, sua

infraestrutura, sua estabilidade econômica, sua paz social, e o sorriso vibrante daqueles que, após uma vida inteira de trabalho digno, veem seus esforços serem transformados em escombros. Agora, mais uma vez, o ciclo de violência promovido pelo gabinete político e militar de Israel volta a ferir a alma libanesa, com mais um ataque a alvos civis no sul do país e em partes de Beirute.

Nós, organizadores desta obra, não podemos oferecer este livro ao público leitor apenas como um produto acadêmico. Como cidadãos líbano-brasileiros, que deixamos familiares, amigos e nosso coração na pátria-mãe, queremos tornar pública nossa indignação, pedindo a cada leitor que compartilhe conosco a aversão à morte de civis na escalada de um conflito que já dura mais de setenta anos.

Que esse livro toque todos os corações e abra nossos olhos para a necessidade de nos posicionarmos diante da dor do outro, em um brado uníssono de denúncia dos crimes cometidos pelo inimigo.

Nossa solidariedade aos libaneses atingidos direta e indiretamente pela nova dimensão do conflito, e aos familiares em diáspora que, como nós, querem seus parentes e amigos protegidos pela certeza de que, em algum momento, os culpados serão punidos. A solidariedade às vítimas não pode ser seletiva, pois cada libanês tombado é uma parte de todos nós amputada pela cobiça e animosidade dos algozes.

Murilo Meihy e Samira Adel Osman
23 de setembro de 2024

Sumário

Paraíso perdido, inferno encontrado 9

MURILO MEIHY
SAMIRA ADEL OSMAN

1. Imperialismo e colonialismo no Líbano:
de província turco-otomana a protetorado francês 15

KARIME AHMAD BORRASCHI CHEAITO
PAULA CAROLINA DE ANDRADE CARVALHO

2. Independência e formação do Pacto Nacional:
projetos nacionalistas e sectarismo no Líbano 37

RODRIGO AYUPE BUENO DA CRUZ

3. Juntos mas divididos: tensões
intersectárias e intrasectárias no Líbano 59

ISABELLE CHRISTINE SOMMA DE CASTRO

4. A disputa por Beirute: a Guerra Civil
Libanesa e as invasões sírio-israelenses 83

ANDREW PATRICK TRAUMANN
DEVLIN BIEZUS

5. Estranhos vizinhos: uma análise da questão da Palestina no Líbano a partir do filme <i>O insulto</i> (2017)	109
CAROLINA FERREIRA DE FIGUEIREDO NINA FERNANDES CUNHA GALVÃO	
6. Amnésia e ruínas da memória: o cinema e a Guerra Civil Libanesa	137
AHMED ZOGHBI GERALDO ADRIANO CAMPOS	
7. Líbano e a UNIFIL: por uma análise crítica	169
JULIANA FOGUEL CASTELO BRANCO	
8. Refúgio e migração forçada no Líbano: processos históricos de integração e exclusão de palestinos e sírios	187
FERNANDO BRANCOLI TAMIRES ALVES	
9. Emigrar, retornar, imigrar: do Líbano para o mundo, do mundo para o Líbano	209
SAMIRA ADEL OSMAN	
10. Era só o que faltava: a exploração de petróleo e gás como fator de risco para o Líbano	231
MURILO MEIHY	
Referências	243
Sobre os autores	257

Paraíso perdido, inferno encontrado

Não, este livro não é sobre o filme do Glauber Rocha numa loja de esfirras. Habitado por gente de distintas relações confessionais e políticas, o Líbano é, para muitos, o espaço da ambivalência extrema: super-ricos e grupos empobrecidos, cultura laica e ativismo político-religioso, imigração e emigração, mar e montanha e, claro, inferno e paraíso.

As descrições cristã e islâmica da vida após a morte estão cercadas de imagens que, sensorialmente, podemos encontrar no imaginário que os libaneses têm do próprio país. A ideia de uma vida de gozo e abundância, com rios, jardins, frutos doces e a oferta de sensações nunca antes experimentadas pelos fiéis, é a retórica mais convincente para religiosos e nacionalistas do chamado “país dos cedros”. Mesmo que a vida cotidiana não ofereça rios de leite e mel nem flores aromáticas a serem furtivamente colhidas, a memória de uma infância repleta de impressões afetivas é parte da formação nacional. Os almoços familiares em torno de uma mesa farta aos pés de uma amoreira no quintal da casa da avó, os mergulhos refrescantes no Mediterrâneo Oriental, as bananas de Damour, os passeios em

Jbeil, o vinho de Zahle, a esfirra de Baalbeck e as boates de Jouni contrastam com o outro lado da moeda.

Em contrapartida ao que o Líbano positivamente representa, os sentidos físicos seguem como matéria-prima para o mal que acompanha a condição humana: o trânsito de Beirute, o suborno a um agente do Estado, os partidos políticos, o cheiro do lixo não recolhido no verão, o fantasma da Guerra Civil e as intervenções dos vizinhos do sul e do leste. Entre as alegrias e as dores do dia a dia, o Líbano porta em si as contradições mais desafiadoras que um Estado nacional moderno e sua sociedade civil podem viver. São décadas de altos e baixos que dão um sentido complexo ao que os analistas, jornalistas e pesquisadores irresponsáveis tentam resumir em frases de efeito inconsequentes.

No fim das contas, um novo livro sobre o paraíso e o inferno que formam o Líbano contemporâneo deve apresentar, ao mesmo tempo, velhos temas a serem tratados com abordagens originais, bem como novos debates marcados pela profundidade que esses delicados assuntos merecem. Do paraíso afetivo ao inferno cotidiano, os capítulos a seguir foram cuidadosamente escritos para oferecer ao leitor um Líbano-purgatório. O olhar e a leitura atenta de cada um é que determinarão se a República do Líbano, fundada em 22 de novembro de 1943, é, ao longo de todo esse tempo, a melhor ou a pior parte da geografia escatológica de cristãos, muçulmanos e – por que não? – laicos e ateus fiéis a seus princípios.

Independentemente de paixões e idiosincrasias, cada capítulo deste livro contou com alguns propósitos em comum que nortearam a sua escrita. O primeiro deles foi a necessidade de oferecer um texto original que permitisse ao leitor se posicionar ante a dor do outro. Essa não é uma história de libaneses “fenícios”, “sunitas”, “nacionalistas sírios”, “maronitas”, “dru-sos”, “comunistas”, “xiitas”, mas do maior número possível de

todos. Da origem dos autores ao conteúdo dos textos, aqui, só não há espaço para sectarismos cafonias e demônios disfarçados de anjos. As contradições e divergências de visões são incentivadas, já que para fazer um bom *knefe* (doce libanês) é preciso juntar os rios de leite e mel do paraíso e cozinhá-los no fogo do inferno.

Outro elemento importante que moldou a escrita deste livro foi a total liberdade de opinião dos autores. O critério para convidar cada escritor foi o seu envolvimento com o tema, além da qualidade do trabalho. Infelizmente, muitos especialistas, com trabalhos de grande valor, não puderam ser incorporados, mas acreditamos que essa obra sirva como estímulo para que pesquisadores consagrados e novos interessados se sintam animados a ingressar no desafio de refletir sobre o Líbano e seu povo. Um aspecto central dos convites feitos foi considerar pessoas sem vínculos com interesses específicos, já que o único financiamento que este livro permitiu foi o da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), no interior do projeto intitulado “Petróleo e Comércio Exterior: por uma análise dos dados históricos e econômicos dos países exportadores de petróleo para o auxílio do planejamento estratégico brasileiro”. Um agradecimento à FAPERJ e ao programa Jovem Cientista do Nosso Estado se faz obrigatório, pois, sem esse incentivo, o projeto de um livro com distintos especialistas brasileiros em Líbano não seria possível.

O último ponto a ser destacado sobre os parâmetros de elaboração deste livro é a necessidade de lembrar que todo o projeto, desde a sua execução inicial até a publicação da versão definitiva, ocorreu durante o período em que o mundo inteiro viveu os impactos da pandemia da covid-19. A compreensão de todos os envolvidos em relação aos atrasos de produção e a seriedade com que todas as etapas foram cumpridas dentro da possibilidade de cada um são algo importante a ser mencionado.

Entre perdas pessoais, dificuldades coletivas e surpresas gerais, todos nós, escritores, editores e leitores finais, vivemos pequenos infernos. Essa é uma ausência infelizmente sentida neste livro: pelo cumprimento de prazos formais, não houve tempo para a escrita de um capítulo específico sobre o impacto brutal da pandemia no Líbano. Ainda que ela tenha sido indiretamente citada em um dos capítulos, o choque econômico, político, social e cultural desses tempos sombrios sobre o país ainda é uma realidade que fez com que o empobrecimento da população se transformasse em uma nova pandemia inflacionária. Quem era da classe média empobreceu; quem era pobre ficou miserável; e quem era rico emigrou. Essa foi mais uma praga a ceifar os jardins e pomares de um paraíso agonizante. Por todas essas razões, o Líbano é Deus e diabo de sua história mais recente.

Para melhor compreender, portanto, esse longo processo de instabilidades, Karime Ahmad Borrascchi Cheaito e Paula Carolina de Andrade Carvalho discutem os impactos do imperialismo e do colonialismo no Líbano, partindo das características da região sob controle dos otomanos até a submissão dessa mesma área ao protetorado francês pós-Primeira Guerra Mundial. Em continuidade à análise dos fatores históricos que forjaram a nação libanesa em sua origem contemporânea, Rodrigo Ayupe Bueno da Cruz se dedica ao estudo do processo de conquista libanesa de sua independência, tocando em temas espinhosos, como a presença do sectarismo como elemento político originalmente consensual e a disputa entre os distintos projetos nacionais para o país. Concentrando-se no sectarismo a partir de uma leitura mais complexa sobre o problema, Isabelle Christine Somma de Castro aprofunda-se nesse que é um dos temas mais controversos da formação nacional libanesa e que perpassa toda a história recente do país. Na sequência, Andrew Patrick Traumann e Devlin Bieuzus discutem, por um viés conjuntural geopolítico, um dos eventos mais traumáticos

vividos pelo Líbano em sua trajetória nacional: os quinze anos sangrentos da Guerra Civil, acompanhados de invasões estrangeiras que alteraram a geografia e a sociedade locais.

Ampliando o debate para as populações vulneráveis e a arte no Líbano, Carolina Ferreira de Figueiredo e Nina Fernandes Cunha Galvão analisam a política libanesa e a questão dos refugiados, sobretudo a tensa relação da sociedade local com os palestinos. Com base no filme *O insulto*, de 2017, dirigido pelo cineasta libanês Ziad Doueiri, as autoras refletem sobre a disputa narrativa em torno da Guerra Civil, e como essa é uma ferida longe de estar cicatrizada. Ainda sobre Guerra Civil e cinema, mas a partir de um olhar geral sobre a sétima arte no Líbano, Ahmed Zoghbi e Geraldo Adriano Campos mostram como a relação entre produção artística e documentação histórica é o antídoto e o veneno para as noções de memória e ruína no Líbano contemporâneo. O ambiente político do “pós-guerra” no Líbano é uma espécie de novidade mofada: o primeiro passo para esquecer os erros do passado é recordá-los pela arte.

Sobre um Líbano mais atual e não menos instigante, Juliana Foguel Castelo Branco analisa a atuação da UNIFIL (United Nations Interim Force in Lebanon; em português, Força Interina das Nações Unidas no Líbano). Essa força internacional de paz, criada pelas Nações Unidas em 1978, tem sua atividade naval comandada pelo Brasil desde 2011, o que intensifica ainda mais a necessidade de uma avaliação acadêmica sobre os resultados obtidos por esse esforço militar no Líbano nos últimos anos. Já Fernando Brancoli e Tamires Alves discutem o país a partir das noções de migração forçada e refúgio, principalmente tomando como caso de análise a situação de palestinos e sírios na sociedade libanesa. A proposta dos autores é retomar a história do Líbano pelo viés dos grupos de refugiados presentes em seu território, o que se mostra um desafio constante ao seu já combatido Estado nacional.

Por fim, os dois últimos capítulos, escritos por nós, tratam de um Líbano em que a relação entre passado, presente e futuro segue como a maior ambiguidade vivida pelo seu povo: entre deslocamentos de recursos humanos e energéticos, o porvir a Deus pertence, mas o presente está nas mãos do “tinhoso”.

Murilo Meihy e Samira Adel Osman